

O gênero textual apresentação em *Powerpoint* na sala de aula: um estudo de caso

The genre powerpoint presentation in the classroom: a study case

El género textual presentación en *Powerpoint* en el aula: un estudio de caso

Fabiola de Jesus Soares Santana (UEMA)

Resumo

Neste artigo, abordamos o gênero apresentação em *PowerPoint* no contexto da sala de aula a partir da perspectiva da nova retórica de linha americana e da multimodalidade textual. Para tanto, analisamos as apresentações usadas nas aulas de Semântica de Língua Portuguesa no curso de Letras. Os resultados revelam que, nesse contexto, o gênero apresentação em *PowerPoint* apresenta intertextualidade intergenérica. Quanto ao aspecto formal, há um rompimento com a estrutura característica do gênero, pois ocorre uma sobrecarga de textos verbais. A organização retórica das apresentações analisadas baseia-se na modalidade *text-flow*.

Palavras-Chave: Escrita, gênero textual, interação

Abstract

In this article, we approached the genre PowerPoint presentation in the context of the classroom from the perspective of the new rhetoric and textual multimodality. To do so, we analyzed the presentations used in semantic classes of Portuguese Language in the Course of Letters. The results show that, in this context, the genre PowerPoint presentation presents intertextuality intergeneric. About the formal aspect, there is a rupture with the genre characteristic structure, as there is an overload of verbal texts. The rhetorical organization of analyzed presentation is based on text-flow mode.

Keywords: Writing, textual genre, interaction

Resumen

En este artículo, tratamos del género presentación en *PowerPoint* en el contexto del aula a partir de la perspectiva de la nueva retórica de línea americana y de la multimodalidad textual. Para ello, analizamos las presentaciones usadas en las clases de Semántica de Lengua Portuguesa en el curso de Letras. Los resultados revelan que, en ese contexto, el género presentación en *PowerPoint* presenta intertextualidad intergenérica. En cuanto al aspecto formal, hay una ruptura con la estructura característica del género, pues ocurre una sobrecarga de textos verbales. La organización retórica de las presentaciones analizadas se basa en la modalidad *text-flow*.

Palabras Clave: Escritura, género textual, interacción



Introdução

Estudar os gêneros textuais usados em situações tipificadas e perceber como as pessoas dão significados e representações que denotam o seu papel participativo nas relações sociais por meio de seu conhecimento individual e coletivo, permite-nos apreender melhor como se desenvolvem a interação e a organização de atividades que demarcam o ambiente cotidiano dos indivíduos componentes de uma sociedade estruturada.

É interessante perceber como um gênero acaba envolvendo outro, criando uma relação de interdependência que segue uma linha de organização que possibilita que as pessoas se situem e participem de qualquer estágio desse processo, desde que possuam o entendimento necessário para poder captar o que se espera delas. Os gêneros textuais, por seu caráter sociocomunicativo, criam certa expectativa no interlocutor e ajudam a preparar o interlocutário para a reação esperada, ou ao menos o auxilia neste sentido

A partir da perspectiva da nova retórica de linha americana, autores como Marcuschi (2010), Miller (1984, 2009), Bazerman (2005, 2006, 2007), Devitt (2004), Bateman (2007, 2008) compreendem os gêneros textuais como um grupo aberto possuidor de características sociocomunicativas, cognitivas e institucionais, isto é, gêneros como tipos de ações retóricas que as pessoas desempenham em seu cotidiano. De acordo com essa visão, os gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, desempenham um papel muito importante na organização e estabilização das atividades sociais humanas.

Cada gênero se encontra integrado em atividades sociais estruturadas e dependem de gêneros anteriores que influenciam a atividade e a organização social. Juntos, os textos estão inseridos em um conjunto de gêneros que atuam em um sistema de gêneros e este, por sua vez, insere-se no sistema de atividades que direciona a ação humana. Assim, compreender a forma e a circulação de textos nos sistemas de gêneros e nos sistemas de atividades pode nos ajudar a compreender como parar ou mudar os sistemas inadequados por meio de eliminação, acréscimo ou modificação de um tipo de documento, como postula Bazerman (2005, p. 31).

Os gêneros textuais podem ter uma configuração simples ou ser apresentados de forma mais complexa, dependendo das necessidades ou estratégias do interlocutor. Em alguns casos, o gênero pode apresentar uma forma diferente da que o caracteriza ou pode assumir funções para as quais não foi produzido inicialmente. Esse fenômeno é conhecido como intertextualidade intergêneros ou intergenericidade. O gênero pode, ainda, apresentar, em sua constituição, múltiplas semioses, isto é, vários modos de exibição de informações em um mesmo gênero. Nesse caso, o gênero textual é reconhecido como um documento multimodal.

Apesar de possuir um grande poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto comunicativo, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, uma vez que o conhecimento comum muda, assim como os gêneros e as situações exigem mudanças. Diante dessa



flexibilidade e a partir dos estudos acerca da Teoria dos Gêneros, em especial da Nova Retórica, de linha americana, é que investigamos a produção de gêneros escritos como instrumentos mediadores das relações interpessoais entre professores e alunos no curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, enfocando, em especial, as apresentações em *PowerPoint*. Para isso, identificamos e caracterizamos, primeiramente, os conjuntos e os sistemas de gêneros textuais produzidos nas interações professor-aluno, os “scripts” de aulas para averiguar de que maneira essa produção e circulação de gêneros escritos tipificam ações, relações e identidades sociais e organizam o sistema de atividades desses agentes sociais.

Nesse contexto, os objetos de análise compõem-se de gêneros textuais escritos produzidos pelo professor, principalmente as apresentações em *PowerPoint* usadas em sala de aula.

1.A Nova Retórica e suas noções básicas

De acordo com Bazerman (2005), a noção de gêneros transcende a uma mera aglomeração de palavras e assume uma participação especial como instrumento incitador da ação humana diante das necessidades e situações de uma determinada sociedade. Para o autor, os gêneros devem ser compreendidos como fenômenos de reconhecimento psicossocial, uma vez que necessita da atuação dos indivíduos na construção de sentidos, na percepção e compreensão de significados e nos usos criativos da comunicação. O ato comunicativo não tem o indivíduo como um participante passivo, isto é, a comunicação não se dá unilateralmente. É necessário que o interlocutor e o interlocutário empreguem os seus conhecimentos enciclopédicos e tenham um entendimento do que se está abordando.

Marcuschi (2010), assim como Bazerman, não se prende à visão formal e estrutural dos gêneros, mas valoriza sua natureza funcional e interativa, compreendendo a língua como atividade social histórica e cognitiva. Portanto, no contexto sociointeracional, os gêneros devem ser considerados por seus usos e condicionamentos sociopragmáticos, devendo ser compreendidos como práticas sociodiscursivas. O autor afirma, também, que os gêneros surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem.

Miller (1984) apresenta os gêneros textuais como instrumentos constitucionais de discurso com base em uma grande escala de tipificação de ação retórica, isto é, gêneros utilizados por um agente, ou um grupo deles, com um alto índice de repetição para concretizar a ação retórica humana gerada pelo contexto social. Esse índice de repetição proporciona um padrão de atuação da ação humana, o que permite ao receptor ter uma ideia do que se espera dele e como proceder corretamente em determinada atividade. Para a retórica, o estudo dos gêneros é valioso porque enfatiza alguns aspectos sociais e históricos que outros estudos não fazem.

Grande parte dos autores que estudam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não tendo como foco principal suas características formais, adota, segundo Marcuschi (2010, p. 22), a posição de que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por



algum texto”. Esse posicionamento, ao mesmo tempo que afirma o caráter indeterminado dos gêneros, pois a compreensão de um gênero pode variar de uma pessoa para outra, afirma a atividade constitutiva da língua, isto é, visão da língua como atividade social, histórica e cognitiva.

Bazerman (2010, p. xi-xii), ao prefaciar o livro *Genre: an introduction to history, theory, research, and pedagogy*, disserta acerca do valor dos gêneros como formas que moldam e são moldadas (pel) o processo de interação social. O linguista americano explica que “muitos aspectos da comunicação, dos acordos sociais, do fazer significar humano estão amalgamados no reconhecimento de um gênero.” Argumenta ainda que os gêneros tanto caracterizam o complexo de regularidades da vida humana como também a individualidade de cada palavra situada. Ao tecer suas considerações conceituais sobre a função do gênero na vida social revela-nos a riqueza e ao mesmo tempo a complexidade da concepção dessa terminologia quando nos diz:

Os gêneros estão associados a sequências de pensamento, a estilos de autoapresentação, a posições e a relações de autor audiência, a contextos e organizações específicos, a epistemologias e ontologias, a emoções e prazeres, a atos de fala e realizações sociais. [...] moldam práticas comunicativas regularizadas que juntas delimitam organizações, instituições e sistemas de atividades. [...] por identificarem contextos e planos para ações também focalizam nossa atenção cognitiva e juntos projetam/configuram/desenham a dinâmica de nossa mente em busca de relações comunicativas específicas, desse modo, exercitam e desenvolvem meios/formas particulares de pensar. (BAZERMAN, 2010, p. xi)

Assumindo essa noção de gênero textual como ações sociais recorrentes, dinâmicas, mutáveis e culturalmente constituídas, e não como conjuntos de traços textuais estáveis, acreditamos que os gêneros podem representar um valoroso instrumento das interações sociais.

A nova retórica tem orientado estudos sobre questões socioculturais envolvidas na produção, circulação e consumo dos gêneros textuais. Mais importante do que descrever elementos textuais é verificar a maneira como os gêneros respondem a diferentes exigências socioculturais. Essa perspectiva está mais concentrada na ação social propiciada pelo gênero e executada pelo indivíduo do que nos conteúdos presentes no texto, como asseverou Miller (BAZERMAN; MILLER, 2011, p. 67) em encontro na UFPE.

Carolyn Miller – Eu acho que aqueles que utilizam o termo, e com quem estou familiarizada, querem [...] distinguir nova retórica de retórica antiga, rejeitando a ideia de que retórica é comunicação necessariamente deliberada, ou estratégica, que efetivamente apresenta propósitos ostensivos sobre as pessoas e, portanto, é entendida como manipuladora. A nova retórica, pelo contrário, envolve a compreensão de que nossas intenções retóricas podem não ser totalmente conhecidas por nós, de que nem sempre estamos totalmente conscientes do que ou por que estamos fazendo e (esta é a percepção de



Kenneth Burke) de que essa retórica pode ser subconsciente, inconsciente, de que a comunicação, a linguagem em uso, sempre contém uma dimensão persuasiva que pode não estar inteiramente sob nosso controle.

Na seção a seguir, apresentamos um histórico sobre o surgimento do gênero apresentação em *PowerPoint*.

2.O surgimento do gênero apresentação em *PowerPoint*

A partir da segunda metade do século XX, os recursos visuais passaram a compor o ambiente empresarial. A comunicação de ideias e planos de trabalho tornou-se mais dinâmica com o auxílio de retroprojetores, máquinas que utilizam transparências, ou *overhead slides*, para refletir em paredes, quadros, etc. as informações que se desejava transmitir. Essas informações eram produzidas à mão ou digitadas em máquinas de escrever em papel branco e depois eram fotocopiadas em *slides* de 35 mm. O ato comunicativo era facilitado por essa prática, mas o processo de produção ainda não era rápido.

Como assegura Ian Parker (2001 apud VIEIRA, 2011, p. 41), não era uma prática comum, nas empresas, as apresentações formais com uso de recursos visuais em suas reuniões de trabalho, “antes de existirem apresentações, existiam conversas, que se pareciam com apresentações”, mas que eram diferentes porque não usavam tantos marcadores. Porém, em uma esfera em que o mundo se torna cada dia mais competitivo, a necessidade de velocidade em passar informações sem que se perca muito tempo nesse processo e com baixo custo exigiu o desenvolvimento de um programa de computador que pudesse suprir essas necessidades.

Para os padrões tecnológicos da época, o que Gaskins sugeria era o investimento da empresa no desenvolvimento de um software para criar slides para retroprojetor (além de *handouts* (folhetos) para a audiência e notas impressas para o apresentador), que integrasse molduras, logo, texto verbal escrito em fontes de tamanhos e estilos diversos, diagramas, quadros, mapas, fluxogramas, desenhos e tabelas alimentadas como planilhas, cujos dados gerassem gráficos, além da disponibilização dos famosos *templates* ou modelos de estrutura e design. Entre os benefícios que o aplicativo traria ao usuário/empresa, a proposta proclamava a redução ‘dramática’ do tempo de preparo de apresentações; a redução também ‘dramática’ de custos; a facilidade para fazer mudanças e revisões de última hora; a melhoria na eficácia do conteúdo; uma maior clareza na apresentação de materiais complexos; a comunicação de alta qualidade; a manutenção de um padrão nas apresentações da empresa; o controle da apresentação por parte de quem domina o conteúdo. (VIEIRA, 2011, p. 44-45)

Nesse sentido, a *Microsoft Corporation* apresentou para o mundo dos negócios o *PowerPoint*[®], um grande sucesso comercial na área de *softwares* para apresentações visuais, criado por Robert Gaskins com a ajuda de Dennis Austin, originalmente, para ser um aplicativo dos PCs da Apple. A primeira versão do *PowerPoint* foi lançada em 1987 quando Robert



Gaskins se deu conta do potencial que a geração de apresentações gráficas representava para o então recém surgido segmento de computadores com recursos gráficos mais sofisticados. No mesmo ano, o *software* foi comprado por Bill Gates e passou a integrar o pacote do *Office*. As ferramentas fornecidas por esse *software* propiciou o surgimento do gênero textual conhecido como apresentação de negócios, isto é, um gênero que facilita a transmissão de dados relevantes em reuniões de trabalho. Assim, esse gênero era fundamentado no objetivo de auxiliar a “venda” de um produto ou ideia em um ambiente comercial.

Sabemos que os objetivos almejados para o *software* foram tão efetivos e satisfatórios que, de acordo com Vieira (2011, p. 38), “ganhou forte adesão e reconhecimento de seus usuários” e, com o tempo, o uso do mesmo ampliou-se para outros ambientes das interações sociais, tais como reuniões familiares, salas de aula, seminários, cultos religiosos, etc. A partir do gênero apresentação de negócios emergiu, assim, o gênero apresentação em *PowerPoint*, que atende as novas exigências em vários contextos sociocomunicativos. Vieira (2011, p. 38) afirma, ainda, que esse percurso foi possível graças à habilidade das pessoas em se adaptar e improvisar no uso de estruturas organizadoras, como é o caso dos gêneros, e a capacidade dos gêneros de se transformar e variar.

Para Yates e Orlikowski (2007), a apresentação em *PowerPoint*, que foi moldada, principalmente, pelo gênero apresentação de negócio e pelas tecnologias disponibilizadas para apresentações visuais, é um gênero da esfera da oralidade em que um ator social apresenta suas ideias a uma audiência, usando textos em *PowerPoint* com auxílio visual. As autoras chamam a atenção para o estabelecimento de distinções entre ações comunicativas e recursos semióticos que apresentam a mesma nomenclatura em um dado sistema de atividades. Essa preocupação justifica-se na medida em que algum conflito pode ocorrer quando se trata do *software PowerPoint®*, ferramenta usada na criação de apresentações visuais, do texto apresentação em *PowerPoint* e do gênero oral apresentação em *PowerPoint*, como nos alerta Vieira (2011).

Essa distinção nos auxilia na compreensão das expectativas geradas por cada uma dessas perspectivas. Muitas vezes, as pessoas usam o termo *PowerPoint* tanto para o aplicativo quanto para o texto produzido por ele, bem como utilizam apresentação em *PowerPoint* para designar o texto e o evento comunicativo. Muito comum, também, é a confusão sobre os eventos comunicativos. Uma aula expositiva, por exemplo, não deixa de ser uma aula expositiva porque o professor utiliza a apresentação em *PowerPoint*. Tampouco podemos afirmar que nessa situação ocorre somente um evento comunicativo. Há pelo menos dois eventos comunicativos ocorrendo: aula e apresentação em *PowerPoint*.

3.1 A organização retórica das apresentações em *PowerPoint*

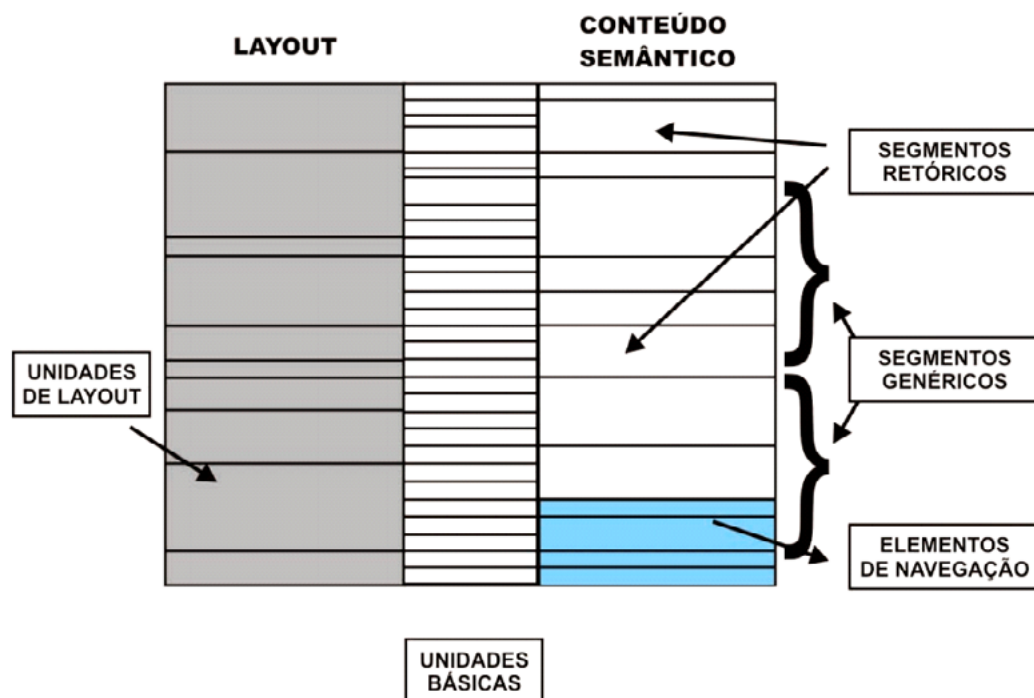
Os documentos que admitem uma relação complexa entre seus elementos estabelecida pela interação, cooperação e integração de diferentes semioses – documentos multimodais – tornam-se cada vez mais acionados nas práticas sociais humanas como ações discursivas tipificadas para realizar objetivos comunicativos em situações recorrentes. Observamos, na seção anterior, que o acesso à computadores e a

popularidade do aplicativo oferecido pela *Microsoft*, o *PowerPoint*[®], propiciou a inserção das apresentações em *PowerPoint* nas relações sociodiscursivas atuais.

Em seus estudos sobre análise de gêneros, Bateman (2008) aborda a organização retórica de gêneros multimodais. O autor afirma que esse tipo de documento é constituído por uma ou mais páginas multimodais configuradas por elementos verbais ou *text-flow* e elementos visuais (imagem, áudio, vídeo, etc.). Tais elementos atuam na página sob uma organização *page-flow*, isto é, a leitura tradicionalmente linear do texto é rompida pela disposição espacial dos elementos constitutivos da página, o que possibilita vários pontos de acesso à leitura.

O modelo de Bateman propõe que o documento multimodal é constituído de múltiplas camadas caracterizadas a partir dos elementos presentes nelas (BATEMAN, 2008, p. 108). As principais camadas são reconhecidas como camada de GeM (Gênero Multimodal) ou básica, de *layout*, retórica, de navegação e do gênero. A camada GeM ou camada básica configura os elementos básicos fisicamente presentes em uma página. Geralmente é a primeira camada de análise porque suas unidades definem todos os elementos visuais que podem desempenhar funções em outras páginas. A camada de *layout* apresenta as propriedades e as estruturas do *layout*. A camada retórica traz uma abordagem detalhada das relações retóricas entre o conteúdo expresso pelos elementos na página e seus propósitos comunicativos. A camada de navegação é onde atuam os elementos que auxiliam no acesso à página e à navegação na página. A camada do gênero representa agrupamentos de elementos de outras camadas como configurações reconhecidas e distintivas, gêneros particulares ou tipos de documentos. O diagrama a seguir representa a distribuição de unidades básicas em documentos multimodais.

Diagrama de distribuição de unidades básicas



Há, claramente, uma separação entre duas categorias de camadas: a categoria que envolve a camada de *layout*, que oferece informações de apresentação do documento, e as camadas de conteúdo, camadas cujos elementos trazem informações semânticas sobre a página. No centro do diagrama, estão representadas todas as unidades básicas, que correspondem às informações visualmente identificadas no artefato multimodal pelo contato direto da visão, que formam a estrutura básica. Na decomposição de um documento/página em partes ou unidades básicas, é necessário que se estabeleçam parâmetros que possam definir essas partes. As unidades básicas concebem o mais alto grau de granularidade possível que uma unidade de análise pode apresentar, isto é, a divisão é feita a partir de um limite mínimo de conservação do conteúdo ligado a essas partes básicas, para que a parte resultante (unidade mínima de análise) tenha vida própria fora da unidade visual a que pertence e não perca sua autonomia de realização nas páginas do documento.

Se, por um lado, a estrutura básica aponta os elementos mínimos de percepção visual direta, por outro lado, a estrutura de *layout* nos direciona para agrupamentos desses elementos na página, buscando apreender informações espaciais implícitas no desenho visual da página multimodal e explicitamente representá-las como informações estruturadas. Nesse sentido, a disposição espacial dos elementos determina os agrupamentos de *layout*, observando a presença de blocos com diferentes texturas, com recursos de saliências – que tornam os elementos de *layout* mais ou menos atrativos à percepção visual (cor, contraste, caixa de texto, espaço em branco, etc). –, recursos de *framing* – que conectam ou desconectam elementos em uma página multimodal – e valor informativo, que corresponde ao valor da informação ligado ao posicionamento de elementos em zonas.

Para absorver os agrupamentos visuais presentes na página, verificamos a segmentação do *layout*, que se refere às unidades mínimas do *layout*, a realização visual da informação, que envolve as propriedades tipográficas e outras propriedades de unidades de *layout*, e a informação da estrutura de *layout*, referente ao agrupamento de unidades em elementos mais complexos e o estabelecimento de relações especiais entre eles. Na realização visual da informação de estrutura de *layout*, identificamos proximidades, separações, similaridades, diferenças, conexões, presença ou ausência de *framing*, tamanhos relativos, centralidades e marginalidades no posicionamento, etc.

Além dos aspectos da organização visual e espacial dos elementos que compõem a página do documento multimodal, a organização retórica é imprescindível para a análise das funções e propósitos que esses elementos assumem e transmitem, isto é, fundamental para “identificar as contribuições funcionais particulares feitas por elementos de um documento para o propósito comunicativo desse documento como um todo” (BATEMAN, 2008, p. 144). A organização retórica de qualquer documento está relacionada à divisão de trabalho entre os diversos sistemas semióticos envolvidos na construção do texto e às relações que conectam essas contribuições semióticas entre si. A representação e a apresentação do conteúdo são dadas por essa organização, que usa as relações retóricas para ligar, integrar e relacionar os elementos constitutivos do texto.



A Teoria da Estrutura Retórica (TER) propõe uma abordagem de coerência textual voltada para as evidências textuais que englobam as funções desempenhadas pelas partes constituintes do texto, sem se preocupar com a produção, leitura e interpretação. Nesse sentido, cada porção de texto coerente apresenta uma função comunicativa definida, clara e aceitável para o leitor.

A teoria sugere que se pode observar certo número de estruturas nos textos, percebidas como tipos distintos de unidades fundamentais, descritas em dois níveis de análise: o nível da nuclearização e das relações, representadas por dois segmentos ou unidades textuais que têm entre si uma relação assimétrica do tipo núcleo-satélite, e o nível dos esquemas, que envolve as relações de apresentação, que levam o leitor a seguir um caminho ou aumenta sua vontade de agir de determinada forma – como aceitar melhor o núcleo –, e as relações de conteúdo, que levam o leitor a reconhecer a relação que se apresenta.

De acordo com Bateman (2008), a aplicação da abordagem da TER em documentos multimodais, que em lugar da linearidade se apoiam na espacialidade da página para se expressar, necessita ser ampliada em alguns aspectos. Devemos romper o pressuposto da sequencialidade dos segmentos textuais e inserir a lógica espacial da simultaneidade, inerente às páginas multimodais, e ampliar as relações que os segmentos constroem entre si, relações que podem vir de todas as direções e não somente com os segmentos que estão à direita ou à esquerda. Nos documentos multimodais, é difícil definir a relação núcleo-satélite por envolver textos verbais e elementos visuais, assim, essa relação exige flexibilidade no reconhecimento dos elementos e nunca pode adiantar qual dos dois será expresso por qual semiose.

Após abordar a organização retórica das apresentações em *PowerPoint* proposta por Bateman (2008), a seção a seguir traz as características desse gênero que favorecem e proporcionam os propósitos comunicativos que envolvem o meio educacional.

3.2 A apresentação em *PowerPoint* na esfera educacional

Nas práticas pedagógicas as apresentações em *PowerPoint* são usadas para “representar conteúdos, para sistematizar conhecimentos e expressar experiências” (ROCKWELL, 2000 apud VIEIRA, 2011, p. 165). Nesse contexto, seu propósito comunicativo, em linhas mais gerais, é ensinar apresentando informações sobre um determinado assunto a partir de uma proposta didático-pedagógica que possibilite ao aluno construir conhecimento e desenvolver habilidades e competências. O conteúdo particular do gênero é definido de acordo com o propósito e a situação comunicativa. Independente da esfera de circulação, entretanto, alguns aspectos do conteúdo são inerentes ao gênero em sua caracterização, como a quantidade, organização e distribuição de informações. A proposta do gênero é conter informações não muito aprofundadas e detalhadas. O que aponta o caráter facilitador, mas também restritivo, que o gênero impõe e que influencia as escolhas e ações discursivas materializadas nas



páginas. Enquanto material didático, a apresentação em *PowerPoint* atua na didatização do conteúdo, direcionando o tratamento dedicado às informações e conceitos presentes no documento.

Essa proposta orientadora da produção do texto pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada e um desenvolvimento que avance entre esses dois marcos sem que se perca a percepção do todo, isto é, a relação das partes constitutivas da apresentação entre si e com o todo e em relação ao propósito mais amplo daquela apresentação. (VIEIRA, 2011, p. 166)

Na dinâmica de uso das apresentações em *PowerPoint* como material didático não se deve esquecer a relação que o gênero conserva com textos anteriores e posteriores. O que foi ministrado em aulas anteriores e o conhecimento prévio do aluno, bem como o que vai ser ensinado depois, influenciam as escolhas do professor e a produção do material, além de influenciar no tratamento dispensado ao conteúdo da apresentação.

As apresentações em *PowerPoint*, bem como todos os gêneros textuais que são produzidos e/ou que circulam no ambiente cotidiano de uma sala de aula, evidenciam que a escrita assume um papel relevante nas práticas sociais estabelecidas entre professores e alunos. Para melhor compreender esse papel dos gêneros textuais escritos, analisamos apresentações de *PowerPoint* utilizadas em salas de aulas do Curso de Letras e as situações pedagógicas e sociointeracionais em que se inserem.

Para a análise das apresentações em *PowerPoint*, foi feito o levantamento dos modos de apresentação encontrados em três documentos analisados e a frequência com que são utilizados nas respectivas estruturas de conteúdo para que auxiliem na compreensão das estratégias utilizadas pelo professor, bem como identificar as características comuns e diferentes dos documentos entre si. A seção a seguir traz informações desde a coleta do *corpus* até sua análise final.

4. Análises das apresentações em *PowerPoint* em sala de aula

As apresentações em *PowerPoint* inserem-se no Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão como material didático produzido e/ou utilizado pelo professor para ser trabalhado em aulas de Semântica da Língua Portuguesa. Foram produzidas com as ferramentas fornecidas pelo aplicativo *PowerPoint*[®]. A apresentação em *PowerPoint* 1 – (APP 1) tem propósito, no sentido mais amplo, de ensinar Semântica, e seu propósito mais específico é abordar os aspectos tratados pela Semântica. Esse documento é constituído de 18 *slides* e apresenta no *slide* de abertura, o primeiro *slide*, a identificação da disciplina, entretanto não identifica o tema da aula, o que só ocorre no título do *slide* seguinte.



APP 1 – Slide 1*

SEMÂNTICA E ESTILÍSTICA

Substância semântica

A experiência do locutor como os procedimentos descritivos do linguista mostram que uma substância semântica está em um todo enunciado.

APP 1 – Slide 2*

ASPECTOS TRATADOS PELA SEMÂNTICA

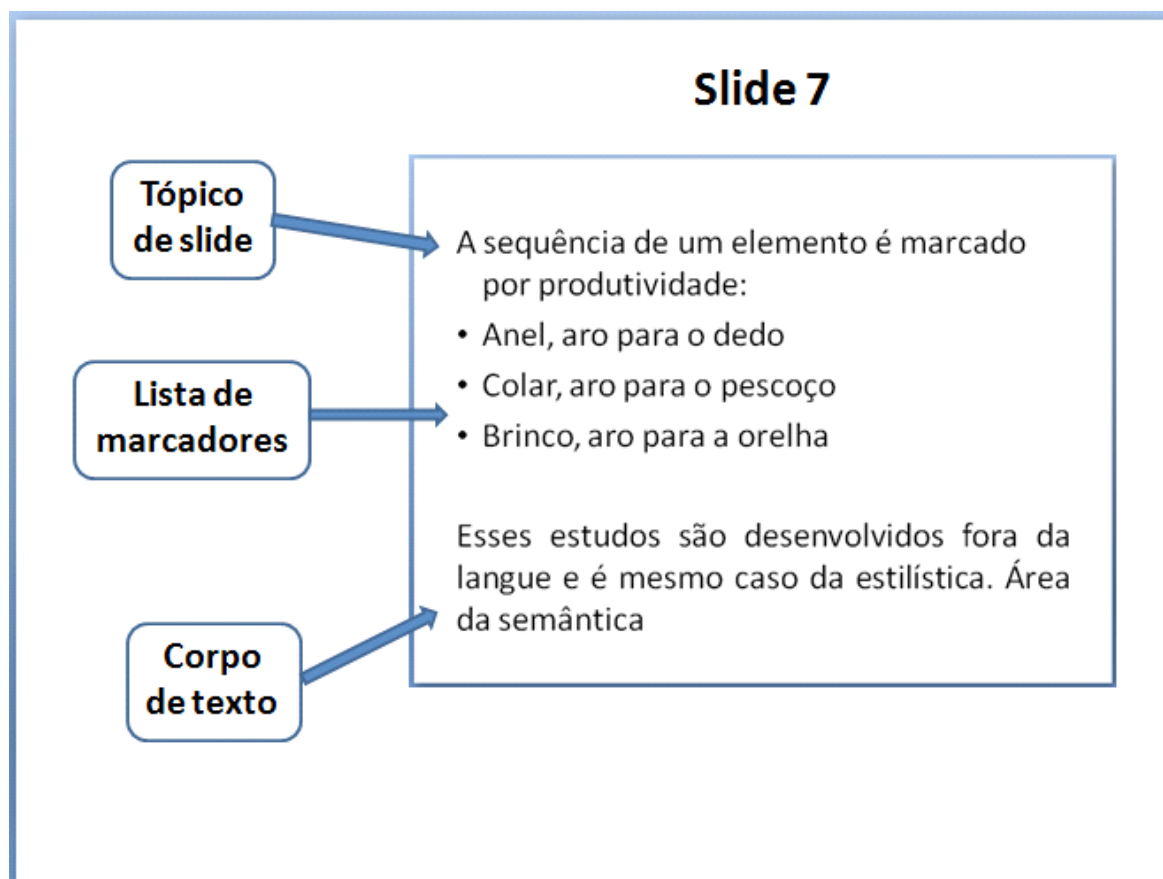
- Sinonímia – sentidos e significados, aproximados, que podem ser substituídas uma pela outra em diferentes contextos.
- Ex.: Sinônimos?
Esses que pensam que existem sinônimos, desconfio que não sabem distinguir as diferentes nuances de uma cor. [Mario Quintana](#)
- Antonímia – palavras de sentidos contrários entre si;
- Campo semântico, hiponímia e hiperonímia;
- Polissemia
- Ambiguidade
- Onomatopeia
- Paronímia

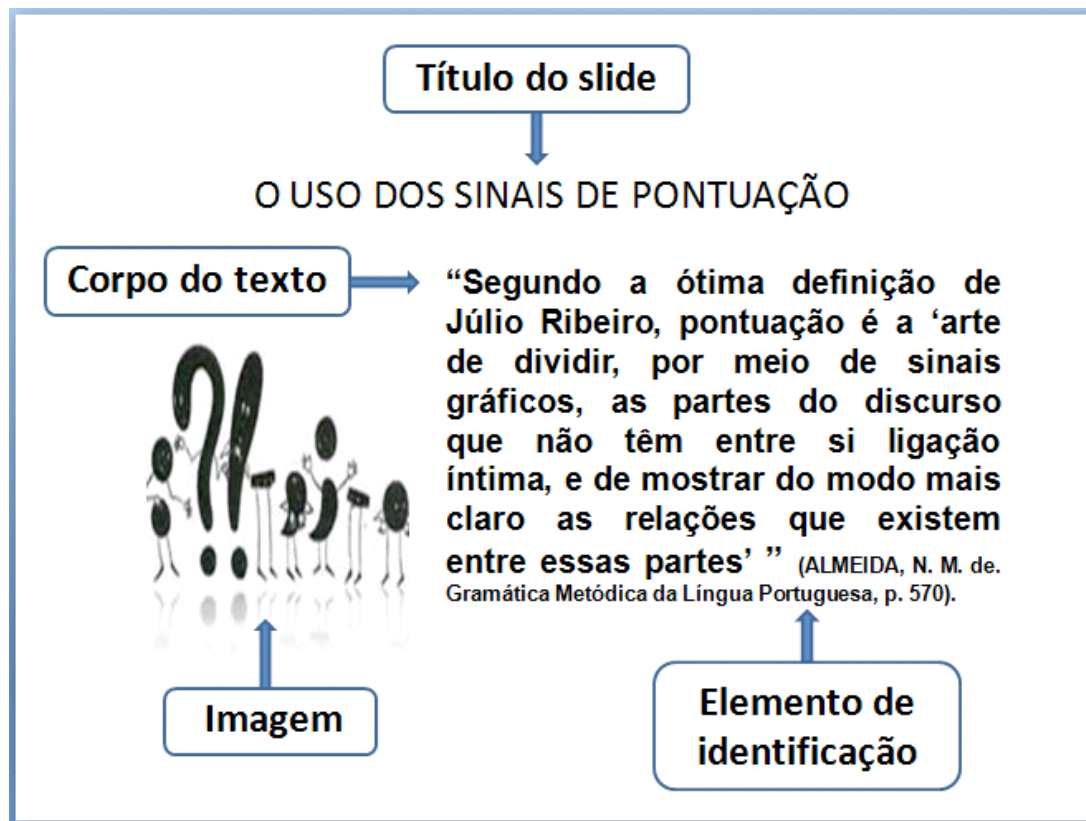
Se por um lado a identificação do tema da aula ocorre no *slide 2*, a introdução do assunto é apresentada indiretamente no *Slide 1* a partir da leitura e da construção dos sentidos do texto verbal sobre “substância semântica”, gerando nos alunos uma expectativa sobre o que se vai estudar.

A apresentação em *PowerPoint 2* (APP 2) tem como propósito mais amplo ensinar aspectos semânticos, e o propósito mais específico abordar a classificação e a organização dos semas e de predicções semânticas nos textos. A APP 2 é constituída de 4 *slides*. No primeiro *slide*, o de abertura, elementos verbais são utilizados para identificar o tema da aula. A apresentação em *PowerPoint 3* (APP 3) tem o mesmo propósito da APP 1, no sentido mais amplo, mas em caráter mais específico seu propósito é tratar de aspectos verbais e aspectos de pontuação na semântica. Essa APP é constituída de 12 *slides*. Diferentemente do que ocorre na APP 1 e 2, o primeiro *slide*, o de abertura, além de identificar o primeiro tema a ser abordado (aspecto verbal) introduz a informação de como os alunos devem compreender “aspecto verbal”.

Em sua composição total, essas apresentações em *PowerPoint* trazem elementos verbais que são utilizados para identificar a disciplina, identificar o tema da aula, dar título a *slides*, elementos de identificação, tópicos e corpos de texto, e elementos visuais como listas de marcadores, tabelas e imagens. Nos exemplos a seguir, é possível identificar alguns desses elementos presentes nos *slides* das apresentações em *PowerPoint*.

Quadro de unidades básicas do *slide 7* da APP 1



Unidades básicas no fragmento do *slide* 12 da APP 3

As três apresentações em *PowerPoint* foram produzidas pelo mesmo professor para serem utilizadas no mesmo tipo de evento comunicativo (aula), bem como para ensinar a mesma disciplina (Semântica). Entretanto, em nenhuma das apresentações há um *slide* de abertura em que haja uma identificação com nome do autor/apresentador, a instituição de ensino ou o evento comunicativo para o qual foram produzidas. Apenas uma apresentação identifica a disciplina. Apesar de serem produzidas pela mesma pessoa e serem voltadas para o mesmo objetivo (ensinar), as apresentações em *PowerPoint* trazem semelhanças e diferenças entre si, como se pode observar nos *slides* de abertura de cada uma delas. De acordo com Yates e Orlikowski (2007, p. 81), em um nível mais básico de características estruturais do conteúdo das apresentações em *PowerPoint*, esperamos encontrar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. As apresentações em *PowerPoint* analisadas não apresentam um *slide* típico de encerramento, trazendo elementos como referências ou um resumo dos tópicos abordados na aula.

A presença desses elementos no slide cria ou confirma a expectativa do leitor sobre o encerramento da apresentação. [...] Consideramos que há no uso de referências uma **função fática** também, que se junta à função mais central de informar as fontes de consulta, que não diz respeito ao conteúdo em si mesmo, mas à localização mais recorrente desse tipo de elemento ou desse conteúdo na estrutura da apresentação. (VIEIRA, 2011, p. 173)

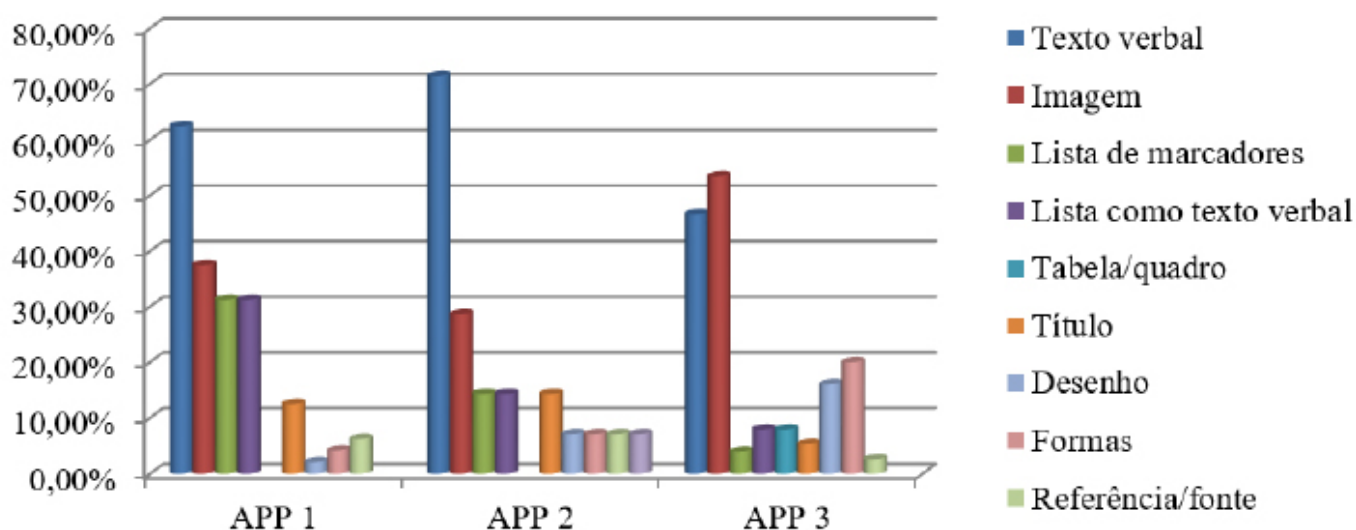
Com a ausência do *slide* de encerramento nas três apresentações, o professor utilizou a modalidade oral da língua ou o ato de fechar o *software PowerPoint* no computador e o projetor para sinalizar o fim da apresentação.

Em relação ao tratamento dado ao conteúdo, a APP 1 inicia-se com a introdução de um conceito mais amplo (substância semântica) e em seguida passa para aspectos relevantes na semântica e os termos utilizados em análises semânticas estruturalistas. Poemas, uma charge e uma crônica são utilizados para que o professor possa demonstrar em sua exposição como analisar um texto e auxiliar os alunos nesse sentido. Já a APP 2, traz uma crônica e um texto publicitário como um instrumento de apoio na exemplificação de organização de semas e predicções semânticas em textos. A APP 3 começa com as noções sobre aspectos verbais e passa para uma sequência de tabelas com as noções aspectuais e os aspectos em si. Em seguida, aborda os sinais de pontuação e sua função semântica.

A estratégia pedagógica percebida nas APPs 1 e 2 é a apresentação gradual de termos e suas noções partindo de um conceito mais amplo até chegar a um mais específico, construindo a compreensão sobre o tema da aula. Na APP 1, para cada novo conceito introduzido ao longo da APP, são apresentados exemplos que envolvem a aplicação direta desses conceitos nas análises propostas. Há, assim, um processo indutivo que direciona o raciocínio do aluno à ideia central da APP em questão.

Quanto ao modo de exibição das informações, consideramos que as apresentações em *PowerPoint* analisadas, ainda que demonstrem e reforcem a tendência observada no gênero de apresentar uma diversidade de informações em uma variedade de modalidades, trazem uma multimodalidade apresentada com diferentes níveis de ocorrência. O levantamento dos modos de apresentação encontrados nos três *PowerPoints* e a frequência com que são utilizados nas respectivas estruturas de conteúdo podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico de ocorrência dos modos de exibição nas APPs



As estruturas de conteúdo apontam que a forma como as informações apresentadas são distribuídas nas apresentações em *PowerPoint* analisadas é diferente, apesar de apresentarem igualdade de ocorrência em alguns itens. Nas APPs 1 e 2, prevalece o texto verbal (62,5% e 71,4%, respectivamente) com o maior número de ocorrências de informações na forma de blocos de texto e títulos. Na APP 3, contudo, a maioria das informações apresentadas são distribuídas por elementos não verbais (53,44%) com a maior ocorrência de desenhos e formas. Dos modos de apresentação das informações levantados no gráfico, apenas a APP 2 apresenta a ocorrência de link e somente a APP 3 traz tabelas/quadros em sua estrutura.

Se, por ventura, encontramos distinções no modo de apresentação de informações nas apresentações em *PowerPoint* analisadas, em relação à organização retórica desses elementos é principalmente baseada na modalidade *text-flow* nas três APPs, pois a maior parte do trabalho semiótico apresentado nas páginas se sustenta na sequencialidade do texto escrito. Nesse sentido, “a natureza dos *slides* em si não carrega significados importantes” (VIEIRA, 2011, p. 184), com exceção do *slide* 4 da APP 2 e do *slide* 8 da APP 3, que estão organizados na modalidade *page-flow*.

APP 2 – Slide 4*

SER QUADRADO ATRAPALHA ATÉ ESTE ANÚNCIO. IMAGINE A SUA VIDA.

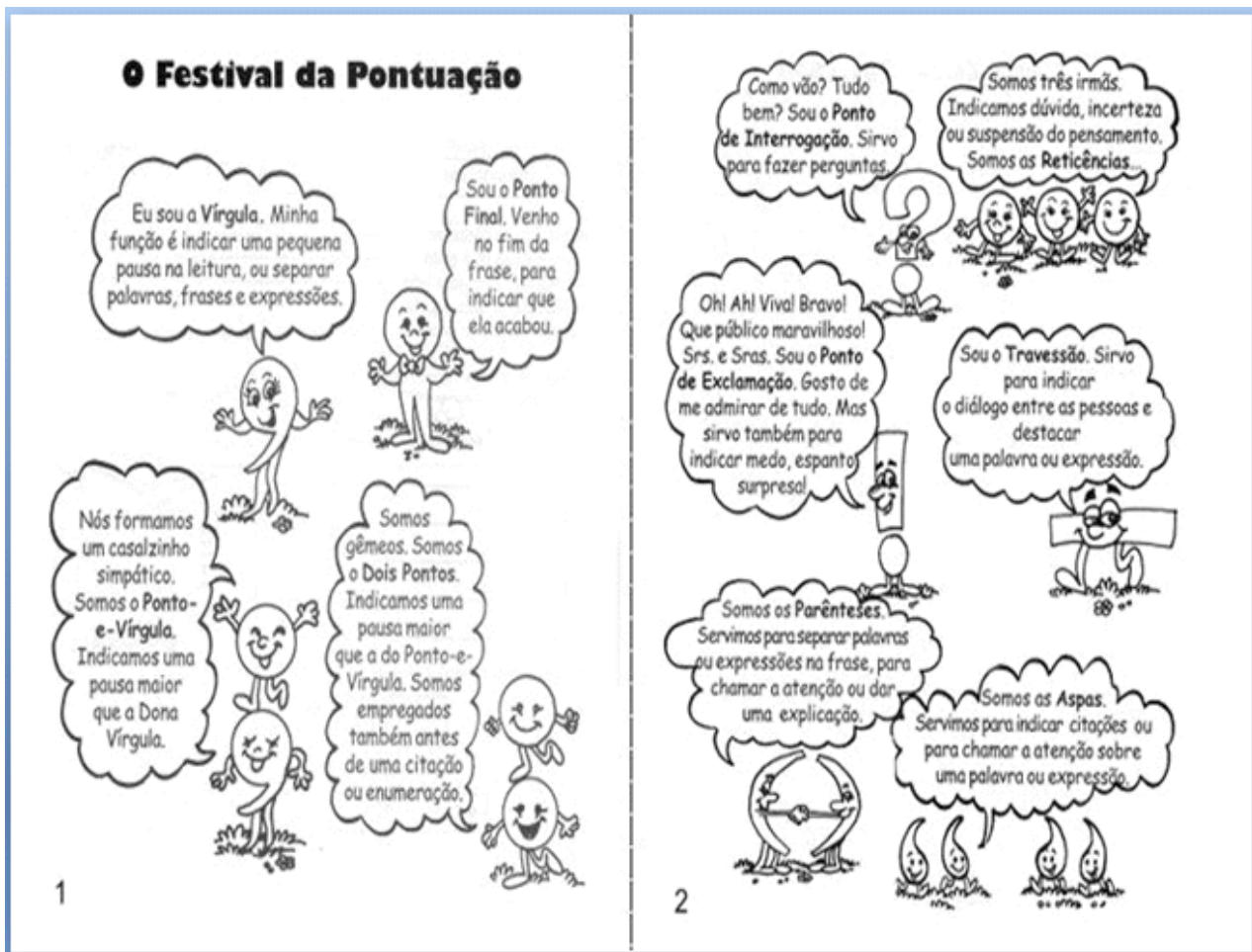
YOU MOVE .COM.BR

SER QUADRADO ATRAPALHA TUDO. VOCÊ NÃO SAI DO LUGAR, NÃO FOGE DO ÓBVIO, NÃO FAZ HISTÓRIA. NÃO SEJA QUADRADO. VENHA PARA A YOU MOVE, A ESCOLA QUE REVOLUCIONOU O ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL. E VAI REVOLUCIONAR A SUA VIDA TAMBÉM. PENSE FORA DA CAIXINHA. APRENDA INGLÊS NA YOU MOVE.

you move
sala do lugar

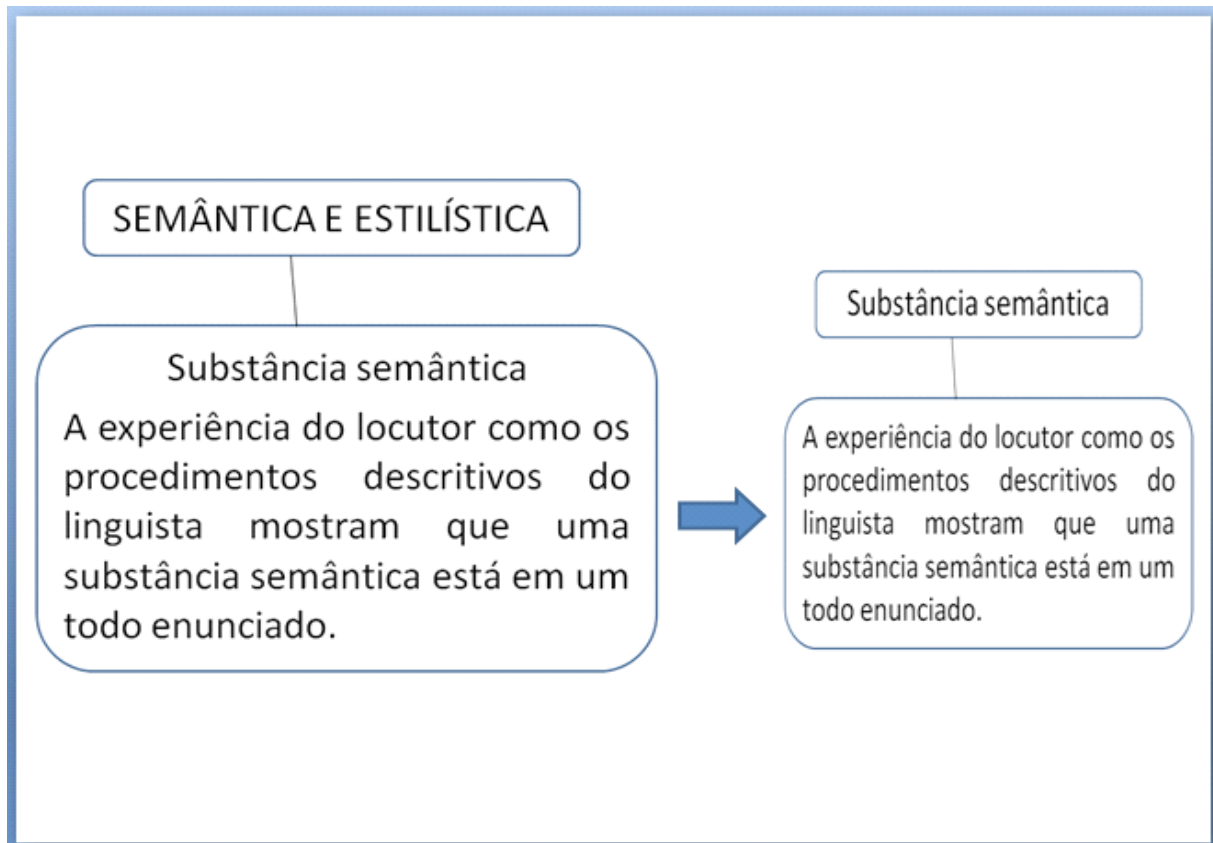
Fonte: Disponível em: <http://plugcitarios.com/>. Acesso em 17 set. 2013.

APP 3 – Slide 8*



Fonte: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/>. Acesso em 17 set. 2013.

A leitura do *slide* da APP 2 pode ser iniciada a partir de qualquer ponto da página sem que a informação que se deseja passar seja prejudicada ou cause confusão no leitor. Já o *slide* da APP 3 indica um caminho de leitura a ser seguido com a presença do título da página e a numeração no canto inferior esquerdo de cada bloco de elementos. Apesar disso, após a leitura do título da página, o leitor não é obrigado a seguir a indicação dada pelo autor, uma vez que os balões de textos podem ser lidos na sequência desejada pelo leitor sem causar prejuízo ao conteúdo, assim como o *slide* da APP 2. Para a análise retórica, vejamos a fragmentação da estrutura do *slide* 1 da APP 1 no quadro a seguir.

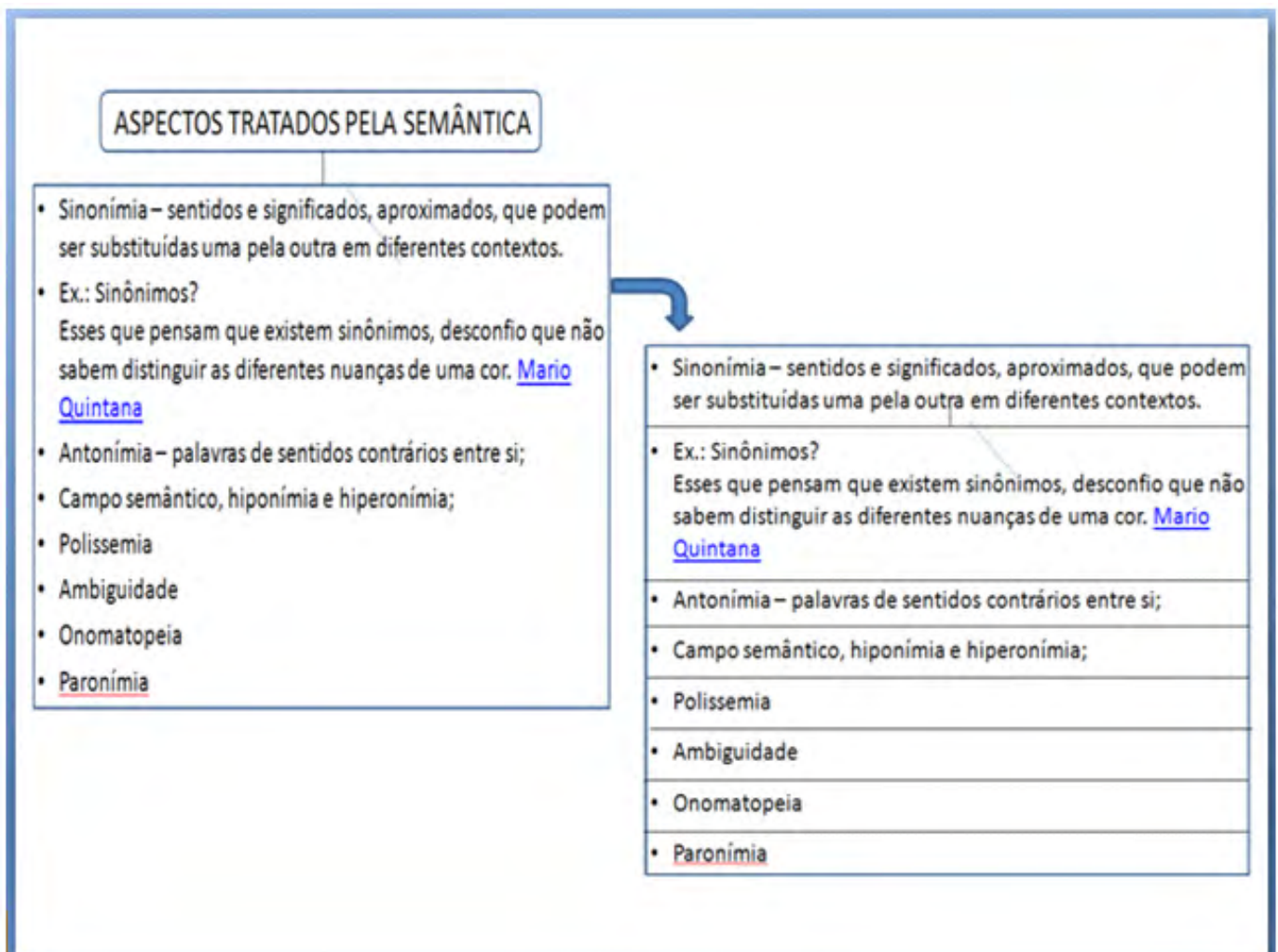
Quadro de fragmentação dos elementos do *slide* 1 da APP 1

A organização retórica que o *slide* 1 apresenta pode ser apreendida de forma direta, uma vez que todos os seus elementos constitutivos estão copresentes na tela ou no papel impresso, assim como em todos os *slides* das apresentações em *PowerPoint* analisadas, e aponta indiretamente para o propósito comunicativo mais específico de abordar os aspectos tratados pela semântica a partir de um conceito mais abrangente. O *slide*, inicialmente, foi segmentado em duas unidades de análise, o título e o bloco de texto verbal, que mantém uma relação entre si de orientação ao apresentar a disciplina e preparar os alunos para informações presentes no elemento mais complexo, o bloco de textos, que é o núcleo dessa relação. Em seguida, dividimos esse núcleo em outros dois segmentos retóricos menores, o tópico "Substância semântica" e o corpo de texto verbal, que apresentam uma relação retórica de preparação, pois orienta e/ou motiva os alunos a ler e interpretar as informações ali expressadas. O núcleo dessa relação é o segmento retórico que apresenta uma noção para "substância semântica".

A partir da modalidade linear de leitura a disposição espacial dos elementos distribuídos, perceptíveis no contato direto da visão, explicitam dois movimentos retóricos nesse *slide*: a apresentação inicial, com a subfunção de apontar a disciplina na qual a APP se insere, e a introdução de conceitos semânticos, com a subfunção de introduzir o tema da aula. A proposta didático-pedagógica percebida na página é permitir que os alunos construam significados e conhecimentos por etapas, isto é, causar expectativas no aluno sobre o conteúdo a ser estudado.

O *slide* 2 da APP 1, inicialmente, foi segmentado em duas unidades de análise, o título, que expressa o propósito comunicativo mais específico da apresentação, e a lista de marcadores. Essas unidades mantêm uma relação entre si de preparação, pois, ao apresentar o tema da aula, o título orienta e motiva os alunos para ler as informações presentes no elemento mais complexo, a lista de marcadores, que é o núcleo dessa relação, e construir significados a partir da leitura feita e do conhecimento prévio do aluno. Em seguida, dividimos esse núcleo em outros oito segmentos retóricos menores, que apresentam uma relação retórica de lista, um exemplo de relação multinuclear por meio da qual o leitor pode reconhecer conteúdos naturalmente simétricos e comparáveis entre si. O resultado dessa segmentação pode ser vista no quadro a seguir.

Quadro de fragmentação do *slide* 2 da APP 1



Para facilitar a leitura retórica da segunda fragmentação apresentada no quadro anterior, enumeramos as unidades retóricas na tabela a seguir.

Tabela de unidades retóricas da segunda segmentação do slide 2 da APP 1

1	<ul style="list-style-type: none"> • Sinonímia – sentidos e significados, aproximados, que podem ser substituídas uma pela outra em diferentes contextos.
2	<ul style="list-style-type: none"> • Ex.: Sinônimos? Esses que pensam que existem sinônimos, desconfio que não sabem distinguir as diferentes nuances de uma cor. Mario Quintana
3	<ul style="list-style-type: none"> • Antonímia – palavras de sentidos contrários entre si;
4	<ul style="list-style-type: none"> • Campo semântico, hiponímia e hiperonímia;
5	<ul style="list-style-type: none"> • Polissemia
6	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiguidade
7	<ul style="list-style-type: none"> • Onomatopeia
8	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Paronímia</u>

Uma possibilidade de leitura retórica desse fragmento é considerar que as unidades 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 tenham sido mobilizadas para proporcionar informações adicionais e/ou detalhes acerca do assunto que é apresentado na unidade referente ao título de *slide*, configurando uma relação de elaboração entre esses dois conjuntos de unidades, além da relação de preparação mencionada anteriormente. Outra leitura possível é de que as unidades 1 e 2 expressam entre si uma relação de fundo, o que implica necessariamente a existência de um segmento retórico (o satélite), cuja leitura vai “facilitar” a compreensão do núcleo (unidade 1). Assim, pressupomos que o professor tenha considerado provável que a leitura do segmento apresentado como exemplo ajude os alunos a recordarem e questionarem o conceito de “sinonímia”, pois é isso que o texto de Quintana sugere.

O *slide 2* dessa Apresentação em *PowerPoint* oferece dois movimentos retóricos: a apresentação inicial, com a explicitação do tema da aula, preparando os alunos para as informações subsequentes, e a lista de marcadores, com a subfunção de apresentar alguns dos aspectos tratados pela semântica.

A partir do extrato dos *slides 1 e 2* da APP 1 e das características verificadas nas três apresentações em *PowerPoint*, identificamos que a estratégia didática do professor na produção desses gêneros é a de permitir que o aluno possa desenvolver e apreender o conhecimento que o professor quer passar por meio de um processo gradual de construção de sentidos que proporcionarão ao aluno as competências necessárias para que se faça a análise semântica de textos.

Um aspecto interessante, observado nas apresentações em *PowerPoint* analisadas, é que todas elas trazem outros gêneros textuais inseridos em sua constituição. Em alguns casos, apresenta a intertextualidade intergêneros (seção 1.2 do item 2), como se verifica no *slide* 10 da APP 1, e outras vezes apenas insere um outro gênero na página, como é o caso das tabelas presentes na APP 3. Identificar a intertextualidade intergêneros nem sempre é uma tarefa fácil, mesmo porque definir qual seja determinado gênero torna-se uma tarefa um tanto complicada, às vezes. Para que seja reconhecida a intertextualidade, é preciso que haja uma evidente relação entre gêneros distintos, essa relação sempre é de interdependência, ou seja, aspectos funcionais e aspectos formais concorrem para o surgimento de um determinado texto. No *slide* 4 da APP 2, por exemplo, há um texto publicitário expresso na página, entretanto ele não está ali para divulgar algo – função básica de um texto publicitário – e, sim, para servir como exemplo do conteúdo da aula. Nesse sentido, temos um texto publicitário expresso em uma apresentação em *PowerPoint* assumindo uma função que não é a função para a qual foi produzido originalmente, mas sem perder a sua essência por causa disso. Diante disso, para identificar uma intergenericidade é preciso estar atento ao contexto em que o gênero foi inserido, a função que ele exerce e o local onde foi expresso.

Quanto à forma de apresentação do conteúdo, notamos um rompimento com a estrutura característica do gênero em si. Vejamos os *slides* a seguir.

APP 1 – *Slide* 3*

- Theodor W. Adorno advoga as diferenças de sentidos que há nas formas de ressaltar uma oração do restante do período. Deixar uma oração entre vírgulas, por exemplo, demonstra uma explicação; entre traços, um destaque ou uma interrupção; entre parêntesis, uma digressão, um comentário.
- Para o autor, a função da barra transversal [/] na separação de versos em textos de prosa (“Com tanto navio para partir / minha saudade não sabe onde embarcar”), função que não daria certo para a forma abrupta do travessão moderno [-]; Adorno conta também a história da transformação do ponto de exclamação de ênfase pessoal do autor em “gesto de autoridade” e do rebaixamento do uso das reticências [...] de indução à diversidade de sentidos à máscara para falta de assunto.



APP 2 – Slide 9*

- **SUBSTANTIVO:** nomeia ou designa os seres e as coisas do mundo. Como as coisas não se repetem, as palavras substantivas categorizam essas coisas em uma palavra, por exemplo, *cadeira, casa*.
- **ADJETIVO:** restringe e indica características de um ser. Em outros termos, no mundo o que existe são substantivos adjetivados. Ex. *almofada, cadeira*. O adjetivo indica aquele ser, pois o que está no mundo já é adjetivado.
- **VERBO:** é um movimento. Esse movimento pode ser praticado pela própria pessoa, por exemplo, *chorar, saltar, correr, gritar*, são verbos intransitivos. Movimentos verbais que para existirem precisa de dois seres, por exemplo, *comer, escrever, cozinhar, cortar*, ou seja, exigem um sujeito, que pratica a ação e um objeto, são os verbos transitivos.

O gênero apresentação em *PowerPoint*, de um modo geral, apresenta como característica particular páginas com título e corpos de texto em forma de tópicos, cuja estrutura de *layout* limita a quantidade de informações presentes na apresentação visual, isto é, o conteúdo deve ser exposto na página, sem gerar congestionamento, com informações que devem ser complementadas pela exposição oral. Nas apresentações em *PowerPoint* analisadas alguns *slides* não apresentam um título e há uma sobrecarga de textos verbais causados pela proximidade espacial dos itens apresentados (tópicos, lista de marcadores, etc.) ou pela grande quantidade de palavras ali presentes ou, ainda, pela mescla das duas ocorrências. Marcadores são utilizados para indicar parágrafos longos (exemplo da APP 2), o que rompe com o caráter do gênero de passar o máximo de informações com o mínimo de conteúdo exposto, e para formar listas de marcadores que parecem parágrafos (exemplo na APP 1).

Considerações Finais

A tecnologia, os materiais e até mesmo os próprios gêneros impõem restrições que deixam marcas que caracterizam seus textos, como é o caso das apresentações em *PowerPoint*, uma declaração de matrícula, um ofício, etc. Apesar disso, as estratégias, escolhas e o conhecimento prévio que se têm sobre os gêneros operam inevitável e incisivamente na produção desses artefatos com o objetivo de alcançar os propósitos comunicativos desejados. Nesse sentido, o fato do interlocutor/produtor usar ou não, em uma apresentação em *PowerPoint*, recursos oferecidos pelo *software* como animação,



fragmentar o texto para apresentá-lo em lista de marcadores ou seguir uma sequência de *slides* simples ou mais complexos, está relacionado diretamente ao espaço em que atuam as estratégias humanas, ou seja, o interlocutor é guiado por suas características pessoais, por suas intenções e pelo contexto em que o gênero se insere.

No contexto da sala de aula, as apresentações em *PowerPoint* analisadas neste estudo não apresentaram um *slide* típico de encerramento, trazendo elementos como referências ou um resumo dos tópicos abordados na aula. Quanto ao modo de exibição das informações, ainda que as APPs demonstrassem e reforçassem a tendência observada no gênero de apresentar uma diversidade de informações em uma variedade de modalidades, elas trouxeram uma multimodalidade apresentada com diferentes níveis de ocorrência. Além disso, as estruturas de conteúdo apresentaram igualdade de ocorrência em alguns itens. Em relação à organização retórica, a modalidade *text-flow* foi recorrente nas três APPs, pois a maior parte do trabalho semiótico apresentado nas páginas se sustentou na sequencialidade do texto escrito.

Um outro aspecto recorrente na composição do gênero APP é a intertextualidade intergêneros como uma estratégia de didatização do conteúdo a ser abordado em sala de aula. Quanto à forma de apresentação do conteúdo, notamos um rompimento com a estrutura característica do gênero em si por conta de uma sobrecarga de textos verbais causada pela proximidade espacial dos itens apresentados (tópicos, lista de marcadores, etc.) ou pela grande quantidade de palavras ali presentes ou, ainda, pela mescla das duas ocorrências.

Acreditamos que a análise do uso de gêneros oriundos do contexto das tecnologias da informática e utilizados com fins didático-pedagógicos configura-se como temática importante a ser considerada na esfera educacional em que devem ser investigados aspectos ligados às várias dimensões de organização desses gêneros, tais como o propósito comunicativo, conteúdo e forma, além do caráter das interações sociais mediadas por eles e sua eficácia na relação ensino-aprendizagem.

Referências

BATEMAN, J.; DELIN, J.; HENSCHER, R. Mapping the multimodal genres of traditional and electronic newspapers. In: ROYCE, T. D; BOWCHER, W. L. (Eds.), **New directions in the analysis of multimodal discourse**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2007.

BATEMAN, J. A. **Multimodality and genre: a foundation for the systematic analysis of multimodal documents**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escrita, gênero e interação social**. Organizado por Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio. São Paulo: Cortez, 2007.



_____. Series editor's preface. In: BAWASHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Genre: an introduction to history, theory, research, and pedagogy**. West Lafayette, Indiana: Parlor Press and The WAC Clearinghouse, 2010, p. xi-xii.

BAZERMAN, Charles; MILLER, Carolyn R. Gêneros textuais. In: DIONÍSIO, Angela P. et al (Orgs). **Bate-papo Acadêmico**. Recife: Núcleo de Investigações Sobre Gêneros Textuais, 2011, p. 67.

DEVITT, Amy J. **Writing genres**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

PARKER, I. Absolute *PowerPoint*: can a software package edit our thoughts? The New Yorker. Annals of Business. 28 de maio de 2001. In: VIEIRA, Ana Regina Ferraz. **Retórica e multimodalidade do PowerPoint educativo**. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-22.

MILLER, C. R. Genre as Social Action. **Quarterly Journal of Speech** 70: 151-167, 1984.

_____. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, A.; Hoffnagel, J. C. (Orgs.). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

ROCKWELL, E. Teaching Genres: A Bakhtinian Approach. **Anthropology & Education Quarterly**, Arlington (VA), v. 31, p. 260-282, 2000.

VIEIRA, Ana Regina Ferraz. **Retórica e multimodalidade do PowerPoint educativo**. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2011.

YATES, J.; ORLIKOWSKI, W. **The powerpoint presentation and its colloraries: how genres shape communicative action in organizations**. Amityville, NY: Baywood Publishing Company, 2007.

Recebido em 18 de maio de 2015.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2016.

Fabíola de Jesus Soares Santana

Possui doutorado em Letras, área de concentração em Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco. É professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. Desenvolve pesquisa sobre gêneros acadêmicos apoiada pela FAPEMA. Membro do Núcleo de Investigações sobre Gêneros Textuais (NIG) e do grupo de pesquisa Multimodalidade textual e ensino. Email: fabiolajsantana@yahoo.com.br